

FUTEBOL, LAZER E PRÁTICAS LÚDICAS

Victor Andrade de Melo

Bill Shankly, um dos mais celebrados personagens da história do velho esporte bretão, técnico da equipe do Liverpool (Inglaterra) na década de 1960, certa vez afirmou: “Algumas pessoas acreditam que futebol é questão de vida ou morte. Fico muito decepcionado com essa atitude. Posso garantir que futebol é muito, muito mais importante”.

Os acontecimentos que cercaram a última rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2013 podem exemplificar a pertinência da observação de Shankly. Embora o campeão já tenha se definido algumas rodadas antes, torcedores das mais diferentes equipes, por motivos diversos, grudaram-se em rádios e televisões para ansiosamente acompanhar as partidas finais.

Para alguns, estava em jogo a oportunidade de seu clube ingressar no grupo de elite, obtendo uma vaga na prestigiosa Copa Libertadores da América. Para outros, era eminente o fracasso e a humilhação: a segunda divisão estava próxima. Sustos, gritos, choros não faltaram nos estádios do país. A coisa chegou a tal ponto que, em Santa Catarina, na partida entre o Vasco da Gama e o Atlético Paranaense, quase se tornou literal a ideia de morte: torcedores de dois times se agrediram, ocasionando graves ferimentos em alguns dos envolvidos.

De fato, lamentavelmente, por vezes não só metaforicamente, podemos confirmar a assertiva do técnico do Liverpool. Pelo mundo muitos são os exemplos de episódios de violência, dentro e fora dos estádios, transformando o que era para ser alegria em dor, o que era para ser cenas de comemoração em imagens de guerra.

Essa é uma faceta problemática, mas é uma expressão do inegável grau de mobilização que se observa ao redor desse que é considerado o esporte mais popular do planeta. Há outros exemplos mais felizes. Basta perceber o que ocorre por ocasião da realização de uma Copa do Mundo. No Brasil, por exemplo, as cidades praticamente param quando entra em campo o selecionado nacional, as ruas são enfeitadas, e, caso a equipe se sagre vencedora, uma multidão sai de casa para festejar, confraternizar, celebrar a conquista de algo que aparentemente nada mudará a vida de cada envolvido. Dificilmente alguém consegue ficar totalmente alheio à euforia contagiante desses dias.

O grau de popularidade do esporte é realmente impressionante. Há mais afiliados à Federação Internacional de Futebol (Fifa) e ao Comitê Olímpico Internacional (COI) do que à Organização das Nações Unidas (ONU). Essa difusão mundial tem forte relação com as características históricas do momento em que a prática se conformou, o século XIX: o fortalecimento de um mercado global, o desenvolvimento de movimentos internacionais, a consolidação da ideia de Estado-Nação, a valorização dos espetáculos e dos momentos de lazer, entre outras dimensões.

Nos dias de hoje, numa ordem mundial em que o sentido de nação parece difuso perante o poder das empresas transnacionais, fato que causa grande impacto nos países em desenvolvimento, e em que as organizações internacionais (ONU, Unesco etc) se encontram fragilizadas, as competições esportivas continuam se apresentando como um dos principais fóruns para se louvar e exaltar a ideia de pátria. Como lembra Hobsbawm (1), mesmo que a lógica transnacional e os interesses econômicos imperem também no reino do esporte: “os imperativos não-econômicos da identidade nacional têm tido força suficiente para afirmar-se no contexto do jogo e mesmo para impor o torneio internacional de seleções, a Copa do Mundo, como o elemento principal e mais poderoso da presença econômica global do futebol” (1, p.94).

PERFORMANCE DE NAÇÃO No âmbito dos eventos esportivos, especialmente nos de futebol, ainda que marcados por situações de desigualdade, mesmo os países menos conhecidos ou menos poderosos no tabuleiro geopolítico podem tornar-se ativos, conhecidos, até surpreendentes. Há sempre a possibilidade de uma vitória, ou de uma bela atuação, a ser celebrada como uma grande conquista pela população local, que tem a oportunidade, assim, de demonstrar sua lealdade à pátria, com o incentivo de dirigentes e da imprensa. Essas competições permitem uma performance pública de nação não encontrável da mesma maneira em praticamente mais nenhuma ocasião na contemporaneidade.

Até mesmo por isso, o esporte foi e continua sendo utilizado por regimes políticos e governos tanto como estratégia para encaminhar propostas de intervenção social quanto como propaganda de uma suposta eficácia administrativa, para alguns um reflexo dos “avanços do país”. Por todas essas dimensões, parece mesmo haver uma forte relação entre a prática esportiva e a construção de discursos acerca de uma identidade nacional.

Tudo isso que parece tão “macro”, tão distante, tem, na verdade, muitos impactos no cotidiano, até mesmo porque os crescentemente poderosos meios de comunicação transformaram o esporte em um de seus principais produtos. As duas maiores audiências televisivas do planeta são obtidas por ocasião de duas competições esportivas: a já citada Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos.

Para jornais, revistas e rádios, o esporte é um tema importante. Praticamente não há rede de televisão que não tenha, pelo menos, um programa esportivo (normalmente são vários). Isso sem falar na proliferação de emissoras especializadas e exclusivamente dedicadas ao assunto. Se considerarmos que os estádios tendem a se tornar “arenas multiuso”, com ingressos pouco acessíveis a um largo estrato da população, veremos o quanto os meios de comunicação se constituem, cada vez mais, na principal instância de consumo do espetáculo, mesmo que nem sempre na esfera privada, como é o caso de bares temáticos ou dedicados a uma torcida, muito procurados pelos torcedores por motivos diversos, alguns inclusive por preferência (lá se pode beber, encontrar os amigos, fica próximo de casa, entre outras razões).

FUTEBOL E SUAS VARIAÇÕES CULTURAIS

O esporte, especialmente o futebol, é um dos principais produtos da indústria do entretenimento, atinge o mais variado público, de todos os estratos sociais, faixas etárias e gêneros. Desde o século XIX, principalmente a partir do momento em que se estabeleceu de maneira mais direta a vinculação do esporte à ideia de saúde, muitos são os produtos e iniciativas que com ele buscam se relacionar. A prática é identificada como uma “forma de viver”: o mercado existente ao seu redor não só faz uso das imagens esportivas para vender um grande número de produtos como também, nesse processo, difunde comportamentos, estimula a aquisição de hábitos.

O sério por trás do divertido, a diversão aparentemente fortuita mascarando os mais complexos interesses: assim é o esporte, assim é o futebol. De toda forma, trata-se de uma das principais opções de lazer da população de vários países, se espalhando pelos mais diversos espaços sociais. A prática não só se faz presente no diálogo com as mais distintas linguagens, como adota os mais diferentes formatos.

Vejamos, por exemplo, a magia do futebol no cotidiano de um grande número de crianças e jovens. Enquanto esporte de alto rendimento, requisita muitos equipamentos (bolas, uniformes, calçados, produtos que são cada vez mais dependentes da alta tecnologia, e também cada vez mais caros), na pelada de rua nada disso é absolutamente necessário. Dependendo do perfil do jogo, qualquer coisa pode servir como uma bola (mesmo que não seja um objeto redondo, como uma lata), pode-se jogar descalço ou com qualquer sapato disponível, duas pedras ou chinelos podem perfeitamente simular as traves.

Mais ainda, muitos jogos diferentes foram inventados a partir do futebol. Com duas metas pequenas, e sem goleiros, duplas ou trios disputam o “golzinho”. Podem fazer o mesmo com só uma meta grande, com um goleiro, em alguns lugares chamado de “cascudinho”. Que tal um torneio de “embaixadinhas”? E o jogo da “rebateda”, com sua estratégia de acertar a trave para valer dois pontos o tento? “Bobinho” serve até de aquecimento para os profissionais. O “altinho” é apreciado pelos que ficam na beira do mar aproveitando a brisa (mesmo que em muitas cidades isso não seja permitido).

Tantas foram as invenções que algumas se tornaram novos esportes. Futebol jogado numa quadra menor virou futebol de salão (hoje chamado de futsal). Nas areias do litoral? Futebol de praia. E misturado com o vôlei? Futevôlei.

Não devemos mesmo crer que são esferas isoladas a alta performance e o futebol do dia a dia. Os parâmetros, ídolos, comportamentos, implementos, enfim, tudo o que diz respeito ao alto rendimento influencia todas as esferas. Essas, contudo, não deixam de ocorrer nem



A dança do futebol (1996), pintura do brasileiro Claudio Tozzi

Fotos: Reprodução

se submetem completamente aos parâmetros daquele. Esse é um dos segredos da popularidade do velho esporte bretão: muito bem se ajusta a diversões padrões. Ele é, como vimos, dos mais globais fenômenos, na mesma média em que também é profundamente local.

Isso, aliás, é um dos mistérios que marcam uma das principais chaves do envolvimento futebolístico: a sensação de pertencimento. Como os indivíduos escolhem os times para os quais vão torcer (e isso significa também o perfil de produtos

que vai adquirir: bandeiras, camisas, ingressos, *pay per view* etc)? Certamente os meios de comunicação têm grande importância.

Mas há também outras múltiplas questões “tribais” determinantes. Certas categorias profissionais têm suas preferências clubísticas. Certas regiões também. Por vezes trata-se de algo que se mescla com questões políticas. Por exemplo, bascos, em geral, preferem times da região, como o Atlético de Bilbao. Por fim, uma das mais poderosas formas de influência não pode ser esquecida: a família. Muitos pais têm como um dos parâmetros de sucesso de sua influência sobre seus filhos o seguimento de sua “linhagem” clubística. E isso significa, entre outras coisas, presentear-los com produtos que carreguem os símbolos da equipe amada.

Voltando ao tema anterior, é também a família que dá para seus filhos e filhas vários jogos inspirados no futebol. Curiosamente alguns deixaram de ser brincadeiras de criança e se transformaram em esportes. Por exemplo, vários jogos de videogame, desde o tempo do telejogo (primeira geração), têm o velho esporte bretão como uma referência. As bases mais avançadas, como o Xbox e o Wi, continuam tendo o esporte como opção de jogo. Um desses *games*, o FIFA Soccer, se tornou um dos maiores sucessos de venda, integrado cada vez mais com o jogo “real” (melhor dito, o não virtual). Aliás, a entidade máxima do futebol já premia anualmente, junto com os craques de outras categorias (masculino, feminino, futsal, praia), o melhor jogador do *game*.

Em certa medida, processo semelhante já ocorrera anteriormente com outras atividades ligadas ao velho esporte bretão, caso, por exemplo, do futebol de mesa (nome oficial do esporte também conhecido no Brasil como “futebol de botão” ou “jogo de botão”), praticado em diversas modalidades específicas (diferentes regras).

Muitos são, todavia, os outros jogos de salão inspirados no futebol. Um dos mais conhecidos é o “totó” ou “pebolim”, que se pode jogar individualmente ou em duplas. Há outros mais simples, que não necessitam de um brinquedo por vezes caro. Três tampas de refrigerante podem virar um futebol de mãos (o gol é simulado com elas entrelaçadas). Alguns podem ser confeccionados,

como o jogo com preguinhos e uma moeda (que hoje já existe numa versão comercializada).

REPRESENTAÇÕES NAS ARTES

Com tamanha presença nos mais diferentes âmbitos, não surpreende que o futebol tenha dialogado tanto com as mais distintas manifestações artísticas. Nas artes plásticas, por exemplo, vários foram os artistas que registraram a paixão nacional pelo esporte, ajudando a reforçar a “mitologia” que historicamente se gestou a seu redor. Entre tantos, podemos citar as representações de jogadores de Rubens Gerchman e Cláudio Tozzi, bem como as imagens de Cândido Portinari do futebol jogado na areia de sua terra natal, Brodósqui.

No cinema, durante muitos anos se disse que no Brasil não se traduziu nas telas a paixão pelo futebol. Haveria um certo divórcio entre as expectativas dos torcedores e o que se conseguia exibir nas salas escuras, até mesmo por dificuldades de recriar numa ficção a dinâmica do esporte. Também por isso, grande parte dos títulos, especialmente os mais bem realizados, era de caráter documental. Esse é o caso de *Garrincha, alegria do povo*, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade em 1962, uma das mais importantes películas nacionais sobre o tema.

Independentemente desse limite, de fato grandes jogadores e conquistas internacionais receberam atenção na cinematografia brasileira. Recentemente, inclusive, tem crescido o número de títulos e temas tratados ao redor do futebol, especialmente por os cineastas disporem de mais recursos técnicos e de um maior número de imagens disponíveis nos acervos televisivos. Uma novidade relevante é o crescimento do número de curtas que abordam o assunto.

No caso brasileiro, entre as artes, duas se destacam por constantemente abordarem o velho esporte bretão. Uma delas é a literatura. Ainda que menos em romances e contos, embora também aí a produção seja digna de registro, somente as crônicas produzidas já teriam sido suficientes para construir e reforçar um imaginário sobre o esporte, articulando-o mesmo a discursos identitários. Merece referência a produção de José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, este último também inserindo a prática nas suas peças de teatro, linguagem que, aliás, também não a deixou passar despercebida. Entre outros, Dias Gomes e Oduvaldo Viana Filho escreveram obras em que o futebol foi o tema central.

A outra arte é aquela em que, muito provavelmente, mais o futebol tenha aparecido: a música, até mesmo pelas similaridades que no discurso foram construídas entre o esporte e uma das consideradas manifestações nacionais por excelência, o samba, ambos tidos como representações da mestiçagem nacional. Entre os compositores desse



Futebol em Brodósqui (1935) de Cândido Portinari

ritmo encontramos, no Brasil, as mais conhecidas obras em que a prática é exaltada, inclusive em uma de suas facetas mais conhecidas, o samba-enredo.

Mas não foi só no mundo de samba que isso ocorreu. Na música brasileira em geral, muitas vezes esteve nosso esporte consagrado. Aliás, há aqui uma faceta importante. Canções fazem parte do cotidiano de torcedores que comparecem aos estádios.

Na verdade, mais do que dizermos que o futebol está presente nas mais diferentes manifestações artísticas, é importante perceber que o ato de acompanhar e experienciar esse esporte é, em si,

altamente estético. O termo brasileiro para definir esse envolvimento é, aliás, perfeito, talvez o mais adequado entre tantos que existem no mundo. Não se trata de ser apenas um “adepto”, nem tampouco um “fã”: no nosso país somos torcedores, nos contorcemos, nos retorcemos, nos envolvemos profundamente com essa coisa que cotidianamente invade nossa vida. É muito sério o futebol. E muito divertido. Tão divertido quanto sério.

FUTEBOL COMO POLÍTICA PÚBLICA Por ser tão sério e divertido, e ocupar tanto espaço na agenda cotidiana de muitos brasileiros, o futebol deve ser motivo de atenção por parte do Estado, tema de políticas públicas. A essa altura, já se deve ter percebido o quanto é ambíguo e contraditório esse nosso estimado esporte, uma faca de dois gumes (três gumes? Quatro gumes? Muitos gumes?), “humano, demasiadamente humano” (para brincar com o filósofo).

No momento em que escrevo este texto, morreu um dos exemplos da ambiguidade e fascínio causados pelo futebol, o grande craque Eusébio, moçambicano negro que se tornou um dos maiores jogadores de Portugal (e do mundo), numa época em que era atroz a posição colonialista do país. Sinal de integração ou de entreguismo? Abertura de um caminho para maior respeitabilidade dos negros ou o oposto, seu enquadramento? Provavelmente tudo isso junto e misturado. Inegável mesmo é que tenha sido inesquecível e encantador o jeito de jogar do “pantera negra”, o que o tornou um dos grandes ícones do século XX (não poucas vezes chamado de “Pelé da Europa”, numa comparação com o notório brasileiro).

O grande desafio para qualquer administração governamental é intervir de forma a controlar os efeitos mais nefastos que se manifestam ao redor do futebol, potencializando o que há de positivo e sem macular uma certa espontaneidade que deve continuar a caracterizar o fenômeno.

Em termos gerais, há duas linhas de intervenção às quais deve o Estado estar atento: o âmbito das práticas cotidianas do jogo e a esfera do lazer-espetáculo. No primeiro aspecto, trata-se de ga-

rantir equipamentos e condições adequadas para que a população possa jogar sua pelada do dia a dia. Isso é, a construção e manutenção de campos e quadras bem conservados e acessíveis a todos. Mais ainda, oferecer à população, notadamente jovens e crianças, a possibilidade de praticar o futebol enquanto uma estratégia de intervenção educacional. Isso significa implementar projetos que usem o esporte como ferramenta de formação de cidadania, oferecida em tempo não escolar, por profissionais capacitados para essa atuação específica.

No que tange ao espetáculo, cabe às administrações governamentais garantir à população o pleno acesso aos jogos, não somente pela televisão, mas também nos estádios, locus por excelência do grande espetáculo “ludopédico”. Isso significa não somente garantir condições de conforto e segurança adequadas, como também impedir que a escalada comercial que cerca a prática acabe por tornar proibitivos os valores para os que querem acompanhá-lo.

É também nesse ponto que devemos nos preocupar com a organização de megaeventos esportivos. Eles, sem dúvida, podem trazer grandes benefícios para as cidades envolvidas, tanto no que tange ao esporte em si quanto no que se refere à infraestrutura urbana como um todo. Todavia, podem também ser um tiro no pé. Podem significar um grande investimento público em algo que pouco reverte para a população.

Veremos o que a Copa do Mundo trará efetivamente para os brasileiros e suas cidades. Por ora, o preço dos ingressos das novas arenas e o andamento da organização do evento são indícios preocupantes. Esperamos que o atual estado do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o Galeão, não seja uma metáfora do que será a organização dessa competição no Brasil: esburacado e chovendo por todos os lados.

Victor Andrade de Melo é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua na Faculdade de Educação (graduação e Programa de Pós-Graduação em Educação) e no Instituto de História (Programa de Pós-Graduação em História Comparada). É coordenador do Sport – Laboratório de História do Esporte e do Lazer (www.sport.historia.ufrj.br).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. Hobsbawm, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Drumond, M.. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- Franco Júnior, H. *A força dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Giulianotti, R. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- Hollanda, B. B. Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- Hollanda, B. B. Buarque de; Melo, V. A. de (org.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

Hollanda, B. B. Buarque de; Toledo, L. H.; Santos, J. M. M. C.; Melo, V. A. de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

Mascarenhas, G.; Bienenstein, G.; Sánches, F. *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2011.

Melo, V. A. de. *Cinema e esporte: diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano/Faperj, 2006.

Melo, V. A. de. *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

Priore, M. del; Melo, V. A. de. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.